

PROVINCIA DE GAZA

COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE CHICUALACUALA – 6 DE JUNHO DE 2007

Queremos agradecer a alegria que manifestaram e que se transmite e contamina a todos nós. Desde que chegamos aqui ontem sentimos que tínhamos retornado a casa, isso começou ontem. Por isso queremos agradecer.

Queremos também agradecer pelas ofertas que nos deram aqui, de facto, as ofertas mostram quão profunda é a amizade e amor assim como o espírito de solidariedade entre os moçambicanos.

Ouvi atentamente as mensagens que eram transmitidas por aqueles que vieram aqui cantar e dançar e sabem que estão a lutar e que sabem que vão vencer. Mas também pessoas que têm o sentido de pátria muito forte e que sentem qualquer coisa que acontece num pedaço de Moçambique como se estivesse acontecer completamente aqui em Chicualacuala. São canções que educam, são canções que ensinam.

Namunthla ninga tiva nimazitu manyingi, nita hlayanyana mazitu matsongo nani thlamuxela leswi ninga naswo xifuveni xanga hikusa leswi ninga ni njombo leyi yaku kala yakuveni hiva xikanwe laha ka Chicualacuala, swa fanela kuveni hi phamelana. Mine nitami phamela leswi nitaka naswo, kumbe i Wuswa, kumbe tihove, kutani nanwine mutani phamela. Ni vonile swaku kuni nyama yinyinge laha, kuni tihamba ni yine?(Ni tihaka!)

Ni tihaka! Hoo! Akunanzika ka tone! Ta nanzika tihaka, na tianza swinene.

Kutani mina nitava naswo leswi nitaka mibjela swone nani dumba leswaku nanwine mitava naswo leswi mitaka djula kuveni muni bjela swone.

Kambe nani nga se sungula nita kombisa lava vani heleketaka a ku veni mutavativa. Varangeli va tiku ledzi, vatiza kohala ka Maputso. Na vone vati kazata siku ni siku hikulwa akuveni avusweti lomu Moçambique djwi hela. Hikusa lowu intizo wukulu wa nfumo wa Mocambique, wa nfumo wenu, waku veni wu lwela ku hlula avusweti maswivona?

Avusweti nhambi leswui bjifpaka hi kule swinene, aswi hlayi leswaku abjinakuhela.

Hina va Mocambicano hiswi kotile akuveni hi hlongola avukolonyi, hi hlongola a nfumo wa lava va kuta hile handle va matiku; hina va mocamicano hiswi kotile kuveni hi helisa a yimpi leyi yifpaka yili kone Yi hlasela, Yi hlupha; hina va moçambicano hiswi kotile kuveni hiva xikanwe hivumba vunwe, a ntiyiso wawu moçambicano, hilwa akuveni hita kota akuyaka a muti lowu wukulu, lowu hiliki Moçambique.

Kutani hine va moçambicano, hakunene, xihlayela fujwi, hita swikota kuveni nahili xikanwe ni vuvunwe lebjhi hi hlula avusweti. Lava va ganaganekaku vakone kambe ni djula kumi dumbisa leswaku avusweti hita swikota kuveni laha Moçambique bji hela. Lava vataka bjihelisa hihine, ahivambeni. Lava vanga lwela kuveni va hlongola a mukolonyi vamani?¹⁰ (Hi hine!)¹¹

Lava vanga lwela kuva a nyimpi yihela hi vamani?¹² (Hi hine!)¹³

A vusweti ke, himani atakalwa na lone?¹⁴ (Hi hine!)¹⁵

Hini ntamu! Hina va moçambicano hini ntamu!¹⁶

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Khanimambo!

A minha mensagem basicamente é de luta contra a pobreza. A luta contra a pobreza em que todos os moçambicanos estão engajados. Existem infelizmente alguns moçambicanos que não acreditam que vamos vencer, mas é fundamental que para vencermos a pobreza nós todos acreditemos que a pobreza vai acabar. É por isso que o trabalho central do Governo de Moçambique é combater exactamente a pobreza.

¹⁰ Hoje não terei muitas palavras. Direi poucas palavras para explicar aquilo que tenho na minha alma porque como tive esta rara sorte de estarmos juntos aqui em Chicualacuala, é meu dever servir. Eu vou vos servir aquilo que trago, se é xima, se é tihove e depois vocês também vão me servir. Vi tem muita carne aqui, tem ovelhas mais o quê? (É tihaka!)

E tihaka! Hoo! É saboroso, gosto muito.

Então, eu terei algo para vos dizer acreditando que vocês também terão algo para me dizerem. Mas antes de começar vou apresentar aqueles que me acompanham para os conhecerem. São dirigentes deste país, trabalham lá em Maputo. Eles também se sacrificam todos os dias para acabar com a pobreza em Moçambique. Porque esta é a grande agenda do Governo, do vosso governo, de lutar contra a pobreza, estão a ver?

A pobreza apesar de ter origens profundas não significa que não possa acabar.

Nós de Moçambique conseguimos expulsar o colonialismo, expulsarmos o Governo estrangeiro, nós os moçambicanos conseguimos acabar com a guerra que matava os moçambicanos, nós conseguimos estar juntos e unidos e construirmos a grande família que chama Moçambique.

Então, nós os moçambicanos, de verdade, seremos capazes de juntos e unidos vencermos a pobreza. Existem aqueles que duvidam, mas quero vos garantir que vamos conseguir acabar com a pobreza em Moçambique.

Quem vai acabar com a pobreza somos nós, não sou os outros. Quem lutou para expulsar o colonialismo?

¹¹ Somos nós!

¹² Quem trabalhou para acabar com a guerra?

¹³ Somos nós!

¹⁴ E a pobreza, quem vai combater?

¹⁵ Somos nós!

¹⁶ Temos força! Nós moçambicanos temos força.

Se nós olharmos para Chicualacuala, mesmo estando aqui na Vila Eduardo Mondlane, e vemos a nossa volta, nós vemos que há mudanças. Há coisas novas que estão a aparecer, mas também notamos que ainda falta muito para termos as mudanças que nós queremos, mas que há mudanças, é um facto que há mudanças, a grande mudança é água, aqui não havia água. Lembra-se naqueles tempos quando Ian Smith ainda estava no lado da Rodésia, quando vinha disparar e bombardear aqui? E depois mais tarde chegou em Mapai e passou todo o dia a bombardear Mapai a ver se conseguia destruir o povo moçambicano?

Portanto, apesar disso, o certo é que há coisas que conseguimos alcançar, mas ainda há coisas que nós não conseguimos fazer e nós acreditamos que a pobreza vai acabar. Eu vou dar um pequeno exemplo: a água que eu me referi tentou bloquear, impedir que houvesse água aqui Ian Smith – e nós sofremos por causa de água – finalmente hoje temos água.

Um outro exemplo. Ali na migração durante muito tempo trabalhavam de baixo da árvore – durante muitos anos – mas agora já temos um grande edifício. Isto é mudança. Outro exemplo que posso dar, vemos muitos populares com casa de alvenaria, com blocos. Isto mostra também evolução. Mas sabemos que ainda há outros que estão ainda a construir a pau e pique, mas certamente também um dia vão resolver também passar para os blocos. Porque o dinheiro que gastam a construir uma parede de pau e pique – vão cortar estacas, vão buscar ripas, compram arame farpado, vão buscar pedras e tem que pôr ali no meio ali, depois andam a procura de água, juntam com argila para depois poder maticar – esse dinheiro que gastam a fazer isso dava para fazer muitos blocos e fazer a casa para todo o tempo.

Mas com casa maticada é preciso sempre vir alguém para maticar, porque quando chove lava. Então é preciso vir reparar sempre. E é mais água e é mais argila e é mais trabalho. Se a casa fosse de blocos não havia de ter esse trabalho todo. Mas isto mostra a diferença. Há alguns que já estão ali, outros estão a avançar, mas nós todos queremos ter casas melhoradas e eu acredito que nós todos podemos ter casas próprias através do nosso esforço.

Por isso, a nossa preocupação central é lutar contra a pobreza. Lutando contra a pobreza, sabendo que vamos vencer a pobreza, sabendo que chegará um dia em que vamos da pobreza como uma coisa que já passou, é uma coisa que não vem, já passou, tal como hoje falamos do colonialismo e nós dizemos o colonialismo já passou. É História. Naquele tempo aqui quem mandava eram estrangeiros, eram colonialistas. Eles é que diziam onde é que devia fazer estradas. Eram eles que diziam onde se devia colocar escolas. Eram eles que diziam o que é que nós devíamos fazer. Agora, nós depois da Independência, somos nós que decidimos o que é que nós queremos. Somos nós que definimos o que é que nós queremos para o nosso desenvolvimento.

Por isso, a nossa batalha é lutar contra a pobreza e podermos dizer amanhã tal como dizemos do colonialismo: naqueles tempos quando havia a pobreza a pobreza e hoje dizemos do colonialismo, naqueles tempos quando nós não mandávamos na nossa terra, mas quem mandava na nossa terra era o estrangeiro, mas é uma coisa que passou! Nós vamos fazer isso na pobreza. Nós vamos vencer a pobreza. Mas para podermos vencer a pobreza temos que, além de acreditar, lutar, melhorar a nossa vida dia a dia para o dia de hoje ser melhor que o dia de ontem. Para o dia de amanhã ser melhor que o dia de hoje. Por isso, a nossa preocupação é ver como chegar lá, o caminho mais importante. Aqui, nós que estamos aqui, além de escolas, além das estradas, além de energia, além de telefone que são coisas que não temos, ou que temos pouco, nós

temos que desenvolver a nossa agricultura. Eu estou a ver que estão a trabalhar na agricultura. Fui ver cajueiros ali: eu disse bom, com Chicualacuala a plantar cajueiros nós vamos avançar muito. Eu fui ver também o gado, só basta passar a gente vê gado, isto é riqueza. É carne, é leite, são peles, é riqueza que deve ser utilizada.

Produzir mais para também poder utilizar para combater a pobreza, para construir casas boas. Eu vi ali uma casa boa muito bonita e me disseram que o cidadão construiu com o dinheiro do gado. Ele ficou com casa e continua com gado. O gado continua a produzir. O gado vai nascendo, vai crescendo, envelhece e a casa está ali. E então o gado pode também continuar a produzir.

Por isso, nós temos que ter certeza de que a vitória contra a pobreza depende também da agricultura, mas não é isso só, depende também daquilo que nós fizemos para combater os obstáculos – os obstáculos ao desenvolvimento. Estou a falar de corrupção, estou a falar de deixa andar, estou a falar de criminalidade, estou a falar da burocracia porque nós temos que trabalhar de maneira os nossos papéis andarem depressa. Se alguém quer licença, e se tem direito a ter essa licença, receber resposta rapidamente porque todo o tempo que ele não receber a resposta é atraso para o nosso desenvolvimento. Mas se ele recebe a resposta ele põe o seu empreendimento a andar, isso significa emprego para moçambicano, isso significa dinheiro que entra para os cofres do Estado, isso significa ajudar resolver os nossos problemas. E vocês aqui na Eduardo Mondlane, sede de Chicualacuala, têm uma responsabilidade especial de valorizar a figura de Eduardo Mondlane, transformar esta vila numa vila que dá exemplo daquilo que seria Eduardo Mondlane.

Por isso, o meu apelo a todos é que acreditemos que podemos vencer a pobreza. E lutemos para acabar com a pobreza, unamo-nos para acelerar o momento em que os moçambicanos possam usufruir plenamente os recursos que eles têm.

Assim teremos resolvido um dos maiores problemas que o povo tem e, sobretudo estaremos a realizar um dos melhores sonhos de Eduardo Chivambo Mondlane. É por isso que o governo colocou em cada distrito, e neste distrito em particular, sete milhões. Sete milhões para serem geridos, para serem tratados praticamente pelo Conselho Consultivo para contribuir na solução de duas questões: aumentar a comida e também arranjar emprego para os nossos filhos, os nossos jovens que estão em idade de trabalhar, encontrarem trabalho. Assim os sete milhões são para colocar à responsabilidade daquelas pessoas que vão produzir mais comida, que vão produzir mais emprego.

Há uma outra mensagem que eu gostaria de voz transmitir. Este ano vamos ter eleições, eleições provinciais. Isto quer dizer que no Xai-Xai haverá uma Assembleia Provincial, e esta Assembleia Provincial vai trabalhar para apoiar ou contrariar o nosso Governador. Mas o objectivo é de apoiar o desenvolvimento da Província, por isso nós todos somos chamados a participar. Participar significa ir votar, porque votar é escolher o nosso futuro. Escolher aquelas pessoas que nós sabemos que vão lutar para realizar aquilo que nós queremos. Mas para poder votar tem que ter o cartão de eleitor. O cartão de eleitor tem que estar lá, e o cartão de eleitor só se encontra participando no recenseamento, recenseando-se. Por isso, o meu apelo a todos os moçambicanos, é que todos aqueles que têm idade de votar participem no recenseamento. Que obtenham o seu cartão de eleitor e quando chegar o dia de votação irem votar para escolher o futuro que querem deste nosso país.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Falei de duas questões: necessidade de combatermos a pobreza, a certeza que vamos vencer a pobreza, a certeza que os moçambicanos que venceram o colonialismo, moçambicanos que acabaram com a guerra e instalaram a paz também vão ser capazes, estes mesmos moçambicanos de vencer a pobreza.

Segundo lugar, falei do recenseamento. É preciso que todos tenham cartão de eleitor, aqueles que têm idade para votar. E depois, que todos nós participemos na votação, escolhermos o nosso futuro.

Posto isto, estando nós no último momento, no último comício desta presidência aberta em Gaza, eu vou dar palavra a dez cidadãos para dar-nos apoio com idéias, aconselhar-nos. Para ver como é que vamos chegar, como é que podemos chegar a realizar o nosso sonho que é acabar com a pobreza. Por lá temos que estar juntos, do Rovuma ao Maputo. Por isso, temos que ouvirmo-nos entre nós para podermos ver todos nós como é que pensamos que podemos lá chegar. Por isso, dez cidadãos!

Se tivéssemos meios, se se realizassem nós tínhamos praticamente o problema de desenvolvimento avançado. Mas naturalmente nós temos esperança que chegaremos lá um dia, mas temos que trabalhar muito para chegar lá. É por isso mesmo que temos o Conselho Consultivo, o Conselho Consultivo é para ajudar-nos a ver qual é a prioridade tendo em conta os recursos que nós temos. Somos pobres, queremos muitas coisas e essas coisas que nós queremos são importantes, mas nós não podemos ter essas coisas de uma vez. Então, o Conselho Consultivo pode dizer este ano vamos isto, este mês vamos fazer aquilo para podermos caminhar até chegarmos lá.

De entre os aspectos que acrescentaram eu vou focar alguns deles, como eu disse são registados. Aqui falou-se dos sete milhões e agradeciam os sete milhões. Realmente os sete milhões são importantes se Chicualacuala utilizar bem os sete milhões. Nós vimos que já temos água, que temos motobombas, mas os sete milhões a partir de agora vão ser utilizados, sobretudo para produzir emprego e também aumentar comida, emprego e comida. E as outras coisas, naturalmente vamos continuar a atender, porque faz parte da responsabilidade do Estado. Mas é preciso que as pessoas que recebem os motobombas, as pessoas que recebem o gado, as pessoas que recebem aquilo que é pedido vão fazer aquilo que nós queremos, aquilo que o nosso povo quer, aquilo que vai de facto combater a pobreza, isto é, que vai aumentar a comida e também vai aumentar o emprego.

Falaram aqui também do problema do comboio, disseram que vem uma vez, gostariam que pelo menos viesse duas vezes. Falaram da necessidade de reabilitação das casas dos Caminhos de Ferro e também da Estação dos Caminhos de Ferro, que é a Estação. Falaram também do hospital Rural, da necessidade de um Hospital Rural em Mapai, e falaram daquela casa que está parada. Dizem que parece lixo também. Insistiram sobre a questão do Hospital e falaram da Escola Secundária do 2º Ciclo em Mapai também, sempre preocupados em apoiar os outros como Massangena, Chigubo, se as tantas em Mapai muita gente pode beneficiar. Falaram ainda do banco. Banco em Mapai também, e falaram da necessidade de transporte para a polícia e da vedação para a fronteira com a África do Sul e com o Zimbabwe.

Apareceu aqui um cidadão que falou da barragem de Mapai. É muito bom pensarmos assim, mas barragem de Mapai é muito cara, muito cara. Não é impossível, ele tem razão, não é impossível, mas agora neste momento é muito cara.

Falou-se da eletricidade e disseram que até pode vir do Zimbabwe, e os outros que falaram repetiram as coisas que foram ditas. Aquilo que vieram pedir aqui, mostra que estamos todos no mesmo caminho e que todos nós queremos acabar a pobreza. Mesmo a barragem de Mapai, de facto são instrumentos para combater a pobreza é verdade. Por isso, queria agradecer mais uma vez a vossa participação e dizer que a nossa preocupação é garantirmos que a pobreza se elimine em Moçambique e somos nós que vamos acabar com a pobreza.

E o segundo ponto que nós pusemos é sobre o recenseamento eleitoral. Que nós todos temos que ter o cartão de eleitor. Quando falo de todos, todos aqueles que têm o direito de votar para podermos escolher o nosso futuro.

Chicualacuala hoye!

(Hoye!)

Chicualacuala hoye!

(Hoye!)

COMÍCIO DE TIHOVENI, SEDE DO DISTRITO DE MASSINGIR – 04 DE JUNHO DE 2007

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Província de Gaza hoye!

(Hoye!)

Distrito de Massingir hoye!

(Hoye!)

Distrito de Massingir hoye!

(Hoye!)

Tihoveni hoye!

(Hoye!)

Tihoveni hoye!

(Hoye!)

Hi yingelile swaku mufpumala ni mati, ni gezi, ni switwile na vayimbelela lahaya.

Hiswone! Hiswone!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

A xakusungula a ni navela aku mibjela swaku ni nyoxile ngopfu swinene, ni tsakile ngopfu swinene hikuva ni thlasile lomu ka Massingir.

Niwona leswaku a majhaha lawa manpswa, majhaha ni vanwanyana, vamamana, vatsongwana ni vakulu vavanhu hinkwavo, comício likulu swinene. Kanimambo.(Palmas)

Nani thlangela funtshi swihiwa leswi muhi nyikiki swona. A xihwiwa loku munhu u munyika i xikombiso xa liranzo hikusa masiku manyingi himunyika leswi hine hi djulaka ku tshama na swone. Kambe hi liranzo hiku na mine nita munyika nyana nayene a djinga. Kanimambo. (Palmas)

Hiswone swa twala mamana.

Loku ni vakombisile vone lavo, ni ta mithlamusela leswi mine swi ni kazataka xifuveni xanga, swinga kone. Kutani loku nitava ni ti hlayile, nanwine muta ni pfuna, nanwine muni phamelanyana. Munaswo swaku ni phamela?¹⁷(Hinaswo!)¹⁸

To tihove? Tikone?¹⁹

Hiswone, hiswona, ya!²⁰

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Nós moçambicanos andamos um caminho muito longo na nossa História. Nos últimos 50 anos demos passos muito importantes. Todos nós moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo, desde o Indico até ao Zumbo, nos últimos 50 anos demos passos muito importantes. E quais são estes passos importantes?

O primeiro foi a unidade dos moçambicanos. Os moçambicanos antes não se conheciam, os moçambicanos antes não se visitavam, mas nos últimos 50 anos os moçambicanos passaram a conhecer-se e passaram a gostarem-se uns dos outros. E, sobretudo passaram a considerar as realizações de uns como suas próprias realizações e isto criou a unidade.

E um momento importante desta unidade foi o aparecimento de Eduardo Chivambo Mondlane. Antes disso, nós vivíamos dentro das nossas tribos pensando que somos inimigos de outras tribos; ou então na nossa raça pensávamos que éramos inimigos das outras raças; ou então estando numa região pensando que somos inimigos das pessoas de outra região.

¹⁷ Ouvimos dizer que não têm nem água, eletricidade, ouvi quando estavam a cantar.

Está bem! Está bem!

Primeiro gostaria de vos dizer que estou muito satisfeito, estou muito satisfeito porque cheguei aqui em Massingir.

Estou a ver que os jovens, meninas e rapazes, mães, crianças e todos os adultos, é um grande Comício. Obrigado.

Agradeço também os presentes que nos ofereceram. Quando oferece um presente a uma pessoa é sinal de amor porque muitas vezes oferecemos aquilo que nós precisamos ter em nosso poder. Mas por amor oferecemos um pouco para ele saborear. Obrigado.

Está bem, compreende-se mãe.

Depois de apresentar a eles hei-de vos explicar aquilo que me preocupa na minha alma. Então depois de dizer vocês também vão me servir. Têm algo para me servir?

¹⁸ Temos!

¹⁹ Tihove?

²⁰ Está bem, está bem!

Mas Eduardo Mondlane foi capaz de dizer que não, não é verdade. O facto de falarmos línguas diferentes, o facto de vivermos em zonas diferentes; o facto de podermos ser de raças diferentes; não constitui problema.

Pelo contrário, mostra a riqueza que os moçambicanos têm. Que os moçambicanos têm muitas línguas. Que os moçambicanos têm um grande território e que dentro da família moçambicana existem várias raças.

E então, a partir daí Eduardo Mondlane ensinou-nos que devemos utilizar a diferença para combatermos pelo mesmo objectivo. E esta diversidade dá-nos força, dá-nos mais força ainda e tornamo-nos imbatíveis, saímos sempre vencedores. Esta foi a grande vitória que foi construída ao longo destes 50 anos. A transformação destas diferenças na riqueza dos moçambicanos.

Isto é muito importante nós compreendermos. A diferença posta em conjunto para realizar um certo objectivo permite que o resultado seja positivo. Nós vemos isso em coisas pequenas. Ouvimos agora, há pouco tempo, alguns coros e vimos que nem todos eles cantavam com a mesma voz. Uns cantavam tenor, outros cantavam baixo, outros cantavam alto outros cantavam soprano e, quando essas vozes todas se juntavam traziam uma bela canção.

E nós vemos noutras coisas, nós vemos mesmo, por exemplo, no futebol. Agora também homens e mulheres jogam futebol, portanto podemos falar de futebol da mesma maneira. No futebol temos 11 pessoas no campo diferentes, mas todos eles querendo meter golo na baliza adversária e quando eles usam essa diferença para meter golo na baliza adversária, de certeza que temos bons resultados.

Mesmo aqui onde estamos, estamos numa reunião, lugar Massingir, Tihoveni, queremos analisar problemas do país, mas nós somos diferentes, ou não somos? Há crianças, há adultos, são iguais? Há jovens, há velhos, são iguais? Há homens, há mulheres, são iguais? Há magrinhos, há outros bem nutridos, são iguais? Há baixinhos, há altos, são iguais? Há claros, há escuros, são iguais?

A diferença quando é trazida para realizar o mesmo objectivo torna as coisas belas e então dá-nos mais força, maior capacidade de enfrentarmos os nossos adversários porque temos capacidades diferentes de podermos analisar as situações.

Nos últimos 50 anos, na nossa marcha, nós moçambicanos conseguimos a unidade e isto é muito importante. Antes disto na nossa história, conseguimos muitas derrotas porque estávamos divididos. E Eduardo Mondlane disse unam-se! Unámo-nos para podermos resolver os nossos problemas, para podermos marchar todos para o mesmo lugar. Este é o passo importante da nossa história última.

O segundo exemplo que posso dar, conseguimos a nossa independência nos últimos 50 anos. Isto é, os moçambicanos começaram a dizer e a pensar de que nós os moçambicanos podemos conquistar a nossa independência usando os recursos moçambicanos. Portanto, para libertarmo-nos nós moçambicanos podemos fazê-lo. Isto é um passo importante na vida. A libertação reforça-se aí, a libertação não veio de fora, a libertação veio de nós mesmos. E aquilo que vem de fora ajuda, mas quem se liberta de facto somos nós. É o segundo passo.

Há um terceiro passo que vou dar como exemplo. Havia guerra aqui no país, não

podíamos estar a vontade numa reunião, a esta hora tanta gente assim. Tínhamos que ter gente aí para ver se vai aparecer não sei quem.

Outros moçambicanos tiveram que sair para fora, um milhão e quinhentos mil moçambicanos estiveram fora, na África do Sul, no Zimbábue, na Suazilândia, no Malawi, na Tanzânia – um milhão e quinhentos mil! Portanto havia guerra, mas os moçambicanos venceram. Uniram-se todos, todos os que estavam nas cidades, os que estavam nas bases e disseram nós temos um destino comum como povo, vamos acabar com a guerra e a guerra acabou. É outro passo que foi dado pelos moçambicanos.

O primeiro passo, a unidade; o segundo passo, a Independência; o terceiro passo a paz, construção da paz. Fomos nós que fizemos. Nós é que quisemos alcançar a paz e nós é que realizamos a paz. Houve ajuda, houve apoio, mas este apoio apoiou-nos a nós e somos nós que fizemos as coisas acontecerem. A História de Moçambique está nas nossas mãos, aqui entre nós, do Rovuma ao Maputo. Estes três acontecimentos que nós percorremos ao longo destes 50 anos mostram que nós moçambicanos quando unidos e quando queremos alcançar um objectivo, nós somos imbatíveis, ninguém nos pode vencer. Nós alcançamos os objectivos que nós queremos.

Agora estamos perante uma nova situação, estamos perante um problema que fere todos os moçambicanos desde o Rovuma até ao Maputo, todos os moçambicanos estão a frente deste problema, é a pobreza, é a pobreza, a pobreza. Todos os moçambicanos sofremos a pobreza. E então, nós temos que juntar as forças de novo e trabalharmos. Valorizarmos as nossas diferenças enriquecermo-nos para realizar o objectivo comum. E o objectivo comum qual é? É acabar com a pobreza.

Meus irmãos, alguns podem pensar que não são pobres somente porque comem bem, ou então porque tem algum dinheiro no bolso, é ilusão. Quando o país é pobre nós todos somos pobres. Alguns podem ser menos pobres que os outros, mas a pobreza está lá. Por exemplo, nós somos pobres quando temos pouca comida, quando há seca, temos logo que dizer pedimos comida, estendemos a mão, é pobreza isso. E no nosso país ainda fazemos isso infelizmente apesar de termos uma terra tão rica como esta. A verdade é que não chove, mas temos água aqui pertinho e nós somos pobres, pedimos comida. Em todo o país nós temos possibilidade de produzir, mas somos pobres.

Pobreza é faltar água para beber, quando nós não temos água limpa para beber, água que nos alimenta bem, é sinal de pobreza. E nós temos muitos moçambicanos que não tem poços, temos muitos moçambicanos que para beber água tem que acordar de madrugada, antes do galo cantar, para ir buscar água e voltar somente com uma lata, vir com esta lata para cozinhar, é para beber, é para lavar a roupa, tem se contar todas as gotas. É pobreza isso, é pobreza.

Faltar escola, a escola é uma necessidade, a escola é um instrumento para vencer a pobreza, a escola faz-nos ver aquilo que normalmente nós não vemos. Por isso a escola ensina-nos de modo a nós podermos combater a pobreza. Vocês podem imaginar o que é que a escola faz? Quando se vai para a escola descobrem-se muitas coisas que outras pessoas que não foram estudar aquela matéria não podem ver. Por exemplo, sabiam que aqui onde nós estamos aqui há muitas vozes, há pessoas que estão a cantar, há pessoas que estão a falar, há pessoas que estão a conversar, aqui mesmo, sabiam disso?

Amuswitivi?²¹

Vocês sabiam que aqui onde nós estamos há muitas imagens, gente que está a correr, gente que está a jogar futebol, gente que está a cantar, aqui onde nós estamos. Não sabiam? Sabiam!

Se trouxermos rádio para aqui e abrir o rádio, o que é que vai acontecer? Não vamos ouvir vozes? Estão aqui, portanto as vozes, mas para nós podermos ouvir essas vozes temos que ter rádio. E para fazer rádio tem que ir a escola; para ver essas imagens de pessoas a correr é preciso ter televisão, e para poder produzir televisão é preciso ir à escola. A escola ensina muitas coisas. Estas duas coisas são exemplos que eu dei.

Há pouco tempo estive aí na nossa barragem, estava com um engenheiro, havia muitos, mas havia este engenheiro que falou, e ele estava a explicar como é que estão a trabalhar na barragem, a explicar como é que a água anda, a explicar quando a barragem encher onde é que vai chegar. Eu não vejo nada, eu só via pedras só, mas ele via a água a subir ali, e via donde é que a água deve sair. Escola! Escola! Estão a compreender?

Por isso a escola luta contra a pobreza. Portanto a falta de escola é pobreza. Ou então se temos escola, mas não temos aos níveis que nós queremos, é sinal de pobreza.

A falta de hospital ou de posto médico é também sinal de pobreza. Quer dizer se não há hospital as pessoas morrem muito jovens em vez de poder prolongar a vida por causa da pobreza.

Há outros dois sinais finalmente que vou apresentar. Falta de telefone. Telefone é uma forma de permitir que nós comuniquemo-nos uns com os outros. Estando aqui poder comunicar-me com alguém que está no Xai-Xai, ou no Chokwé, ou em Maputo, ou na Beira, ou no Chimoio, ou Pemba. Mas se não há telefone temos que escrever uma carta e a carta vai de “chapa” até Chókwe, e depois de Chókwe apanha comboio até Maputo, depois sai de Maputo de avião até Lichinga. Quanto tempo? É pobreza!

A falta de energia também é pobreza. Muito bem, nós aqui em Moçambique, tudo isto que estamos a dizer temos, mas não temos em quantidades suficientes nem em qualidade suficiente de modo que nós todos possamos beneficiar. É por isso que nós dizemos que há pobreza. E é por isso que o vosso governo, o governo da República de Moçambique definiu como questão central da sua governação combater a pobreza. Por pessoas que saíam das aldeias, quando não há escolas eles sabem que não há escolas; quando não há hospitais eles sofrem também; quando há falta de água ele também não tem água, então são pessoas escolhidas de entre essas pessoas para poderem fazer parte do Conselho Consultivo e aconselhar o governo distrital meios para acabar com a pobreza e, sobretudo ajudar a definir prioridades – a primeira coisa é esta, a segunda coisa é esta.

²¹ Não sabem?

Uma das razões porque nós demoramos vencer a pobreza é que nós vemos muitos problemas e queremos resolver todos os problemas. Água, eletricidade, machamba, tudo. A pessoa vira para aqui vê problemas, quer resolver o problema, mas ali também há problema, antes de acabar já está a querer resolver outro problema. Muitos problemas. Para podermos resolver o problema realmente, temos que escolher quais são os primeiros problemas que nós resolvemos, dois ou três problemas e depois de resolvermos esses problemas vamos resolver outros problemas. No dia em que nós tivermos coragem de definir claramente as prioridades nós vamos avançar mais rapidamente. O Conselho Consultivo tem essa tarefa, este é fundamental.

Em terceiro lugar, o governo para apoiar este Conselho Consultivo arranjou sete milhões, naquele tempo eram sete bilhões. Arranjou sete milhões para ajudar a resolver o problema da pobreza dentro do distrito. Mas no distrito também estão definidas duas áreas prioritárias. Uma delas, aumentar a produção da comida. Se nós aumentarmos a produção da comida o preço da comida vai baixar e então não vai haver problema de as pessoas comerem, não haverá problemas de fome porque o preço está baixo. Há muita comida e isso vai permitir maior dedicação das pessoas noutras áreas.

Outro aspecto é emprego. Os sete milhões são para aumentar a comida e arranjar emprego. Nos nossos distritos nós temos muitos jovens em idade de trabalhar, mas não tem trabalho, não sabem onde podem ir trabalhar. Então os sete milhões são para ajudar a resolver este problema para os nossos filhos terem lugar para trabalhar. Por isso podem ver aqui a responsabilidade do Conselho Consultivo. Quando eles escolhem as coisas para fazerem tem que ter a certeza de que esta coisa vai permitir dar mais comida e esta coisa vai permitir dar mais trabalho.

Por isso mesmo, o Conselho Consultivo quando recebe os sete milhões deve definir áreas prioritárias. Por exemplo, na comida pode ser agricultura, também pode ser pesca. Então pode dizer: nós queremos apoiar a pesca para aumentarmos peixe e queremos apoiar a produção de milho ou queremos apoiar a produção de arroz, arroz aqui não há.

E então hão-de e aparecer pessoas ou associações que querem aumentar a produção de milho, ou querem aumentar a produção de peixe e então apresentam a proposta. Uma associação ou um individuo e diz: eu quero aumentar a produção de milho, para tal eu preciso de uma junta de bois, preciso também de ter charrua. Não tenho dinheiro para isso. E então também tem que dizer que para aumentar a comida eu vou passar a produzir tanto milho. O Conselho Consultivo analisa. A primeira coisa tem saber se a pessoa é séria ou a associação se é séria porque pode haver pessoas que pensam coisas para ter dinheiro, mas querem fazer outras coisas diferentes. E depois de ver que é séria tem saber se ele sabe trabalhar, se aquela associação que está a pedir de facto aumentar a sua área de produção?

E então conclui-se que sim senhor, associação tal ou o individuo tal quer aumentar a produção, ele vai aumentar o número de trabalhadores, ele vai aumentar a produção da comida. E depois disso então tem que dizer quanto é vai devolver, quando é que vai pagar? Porque tem que pagar. Dinheiro não se dá, quando você recebe dinheiro de graça, não tem muito valor. É preciso trabalhar, suar para acabar com o espírito de pedir. Temos que transpirar, trabalhar e não estarmos com mão estendida com terra boa assim, com gente tão trabalhadora como nós.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Portanto os sete milhões são para a comida, mais comida. Os sete milhões são para aranjear emprego. As pessoas ou associações que podem qualificar para isso devem ser de pessoas honestas, pessoas que sabem trabalhar na área e também pessoas que garantem quantos empregos vão dar, quanta comida vão produzir e pessoas que dizem e garantem que vão devolver o dinheiro.

Quando o dinheiro depois de devolver ao outro isto aumenta o número de empregados, não é tudo num dia, mas vai aumentando pouco a pouco e vai resolvendo o problema de emprego dos nossos filhos, a pobreza vai acabar. Havemos de falar da pobreza como quem esta a recordar a História, assim como hoje do colonialismo falamos da História, naqueles tempos quando havia colonialismo, já não está; ou quando falamos da guerra, naquele tempo quando havia guerra, também devemos um dia falar da pobreza como naqueles tempos quando havia pobreza, mas hoje já não somos pobres.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Quero pedir oito cidadãos!

É preocupante isso, porque os moçambicanos são livres, nós pedimos para as pessoas falarem, não é só para dizer as coisas que a gente gosta, há coisas que nós não gostamos, mas se é a realidade que eles vem é útil que nos digam o que é. Só desta maneira é que podemos mudar para o melhor, para servirmos melhor o nosso maravilhoso povo. Por isso não há perseguição, isso é contrariar a política do governo.

Moçambique hoye! **(Hoye!)**

Nós falamos da pobreza, nós dissemos que a pobreza vai acabar; nós dissemos que quem vai fazer acabar a pobreza somos nós. Nós também dissemos que precisamos de ajuda, mas essa ajuda só terá sentido se formos nós a fazermos as coisas. E também nós dissemos que esperamos que num futuro não muito longo, possamos ter a pobreza na História tal como temos hoje o colonialismo é História, tal como falamos da guerra é História, já passou, nós os moçambicanos também vamos fazer passar para a História a pobreza.

Massingir hoye!

(Hoye!)

Povo moçambicano unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

COMÍCIO DE MABALANE – 2008

A pobreza é provocada por várias coisas. A pobreza é provocada pelos homens, pelas pessoas. Aparecem algumas pessoas que arrancam a riqueza dos outros e então não permitem que os outros deixem de ser pobres. Por exemplo, nós em Moçambique, nós éramos sempre pobres, fomos sempre pobres porque o colonialismo não deixava que nós pudéssemos deixar de ser pobres. Portanto, a pobreza pode ser provocada pelos homens, pelas pessoas porque as pessoas mais poderosas não deixam que as outras possam ter riqueza.

Mas a pobreza também pode ser provocada pela natureza, por exemplo neste caso, não chove. Não há chuva, não há água. Portanto, a água é vida, sem água não se faz nada. A água serve para beber. A água serve para cozinhar. A água serve para lavar a roupa. A água serve para produzir a comida para poder permitir que nós possamos produzir. Com pouca água é muito difícil. É por isso que nós combatemos a pobreza. É por isso que nós apesar das dificuldades acreditamos que a pobreza vai acabar por causa de a pobreza ser provocada pelos homens.

Então, nós temos que mudar a maneira de ser dos homens para os homens compreenderem que a felicidade de um depende da felicidade dos outros. E por isso mesmo os homens devem trabalhar como irmãos. Não se sentirem satisfeitos porque o irmão ao lado não tem comida para comer.

Mas também quando se trata do problema da natureza – a natureza não permitir que haja água para nós podermos desenvolver a actividade agrícola – também podemos encontrar resposta para isso. É muito difícil, mas podemos encontrar resposta para isso. Podemos encontrar água também. É muito difícil. Está ali o Limpopo ali. Está a passar, está a passar a todo o tempo. Nós vimos algumas machambas ali ao lado, mas sempre Limpopo passa quando tem muito pouca água como um fio. Ou então quando tem muita água, o Limpopo passa e nós aqui ficamos a espera, não utilizamos essa água ou não utilizamos o suficiente essa água.

É por isso que para podermos acabar a pobreza nós temos que desenvolver o ensino. Nós temos que aumentar os nossos conhecimentos. Nós temos que desenvolver capacidades de ver coisas que não se vêem facilmente. Nós temos que aumentar a nossa capacidade de ouvir coisas que muitas vezes não se ouvem e isso consegue-se encontrar na escola primária, na escola secundária, e nos outros níveis aprendem a dominar a natureza.

Sabem que na escola as pessoas especializadas conseguem ver se na terra há água escondida lá em baixo ou não há. E então quando eles acham que parece que há água aqui trazem máquinas e cavam e a água sai. Estuda-se na escola isto. Conseguem ver coisas que nós outros não conseguimos ver. Por isso mesmo, é verdade que temos dificuldades mas também é verdade que nós podemos lutar contra estas dificuldades e podemos melhorar a nossa vida.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Eu aqui venho acompanhado por alguns dirigentes vossos, dirigentes de Moçambique. Estão preocupados com a situação e as dificuldades que o povo vive. Dirigentes que estão preocupados para que o nosso povo não tenha falta de água. Dirigentes que estão preocupados para que a estrada e o caminho-de-ferro possam permitir ligar a população de Mabalane com a população de outros distritos como Chicualacuala, como Chókwe,

como Guijá, como Chibuto, como Massangena. Dirigentes que estão empenhados na luta contra a pobreza. Mas antes destes dirigentes se apresentarem a voz, eu quero apresentar dois senhores que são amigos de Moçambique.

Moçambique é um país independente. Os países independentes são amigos de outros países independentes e esses países procuram sempre estar ligados para garantir a paz, também para garantir o desenvolvimento. E uma das formas que utilizam para esta ligação é tendo representante num país e no outro. Por exemplo, Moçambique tem representantes em vários países. Moçambique tem aquilo que chamamos Representante, Embaixador ou Alto-Comissário no Zimbabwe. (...)

Eu estava a dizer que muitas vezes a pobreza é provocada. Eu disse que a pobreza é provocada pelo homem. Os homens mais poderosos podem não querer que as pessoas menos poderosas tenham riqueza, mas também a natureza pode privar-nos de certas coisas como água que é fundamental. Eu dei exemplo de pessoas que utilizavam o seu poder para provocar a pobreza em Moçambique. Falei do colonialismo. Nós numa terra tão rica como esta, um povo tão trabalhador como este, no tempo que fomos colonizados não podíamos gerir a riqueza para nós, gerávamos a riqueza para o outro. Conseguimos a nossa Independência e agora os problemas de pobreza, de desequilíbrio de poder é nossa responsabilidade. É preciso que todos os moçambicanos compreendam que só podem ser felizes se o seu vizinho, se o seu compatriota também for feliz, quando uma pessoa é pobre não se pode dizer que é feliz. Por isso, é nossa responsabilidade cada um de nós compreender a necessidade de apoiarmo-nos mutuamente para que nós todos nos libertemos da pobreza.

Mas também dizia eu, a pobreza pode ser provocada por falta de água, por exemplo. Eu estava a dizer que o conhecimento pode reduzir o efeito da falta de água. Pode permitir que nós utilizemos melhor a pouca que nós temos. Por isso, nós acreditamos que somos capazes de acabar com a pobreza.

Eu dizia que vou apresentar dirigentes ou vão se apresentar dirigentes que também acreditam que é possível acabar com a pobreza. (...)

Eu dizia que a pobreza pode ser provocada pelos homens, dava exemplo do colonialismo em Moçambique. Eu dizia que hoje não existindo um governo que queira fazer mal ao povo, então os moçambicanos devem desenvolver uma atitude de solidariedade entre si.

Dizia também que a pobreza pode ser provocada pelas calamidades naturais, pela natureza, e dava exemplo com a falta de água e dizia que através do conhecimento nós podemos reduzir o efeito da falta de água. Mas também queria aqui sublinhar que é claro hoje que todos os moçambicanos não querem que haja pobreza no território moçambicano. É por isso que o governo está definindo estratégias, ações que vão resultar no fim da pobreza. Uma delas é a escola. Se os moçambicanos tiverem acesso a escola estarão mais capacitados para lutar contra a pobreza, e hoje nós temos muita gente a estudar. Mas mesmo assim, o governo achou que era preciso mudar a maneira ou aquilo que se ensina nas escolas, em alguns aspectos. Uma das coisas é introduzir no ensino geral um bocadinho de saber fazer, trabalho manual. É assim que nós teremos na nossa escola hoje, cada criança a plantar uma árvore. Uma criança, uma árvore por ano! Isso vai fazer com que quando as crianças nossas crescerem saibam plantar, gostem da agricultura. É por isso que se introduziu produção na escola. E produção pode ser produção de milho como pode ser produção de horta, de vegetais. Mas também pode utilizar-se outro tipo de produção. Portanto a Escola.

Mas além desta escola que aprende coisas gerais e na prática faz alguma produção, estamos a aumentar o numero de escolas para ensinar como trabalhar, ensinar profissões, ensinar ofícios para que os nossos alunos ao terminar saibam construir uma estrada, saibam construir uma casa, saibam transportar a água do rio para a machamba e regar, saibam produzir mais na agricultura, saibam trabalhar com eletricidade, saibam trabalhar com telefone. Estão introduzidos cursos para que os nossos filhos, ao estudarem, quando saírem sejam capazes de resolver problemas concretos na nossa aldeia, na nossa comunidade.

Eu dei exemplo de uma das coisas que o governo faz para resolver o problema da fome. Podia dar outro exemplo. Estava aqui o companheiro mestre-de-cerimônias a falar da vacina e dizer que dentro em breve vai haver vacina de crianças que acabaram de nascer até crianças que tem 5 anos para combater o sarampo. Isto é forma de combater a pobreza também. A saúde é um capital importante na luta contra a pobreza e se as nossas crianças estiverem defendidas de várias doenças através da vacina, isto quer dizer que vão crescer fortes e vão ter forças suficientes para acabar com a pobreza.

A saúde é uma área também que o governo concentra para combater a pobreza, mas há outras duas coisas que foram feitas pelo governo no meio de muitas, mas há duas coisas. A primeira coisa foi a introdução dos sete milhões. Os sete milhões. Os sete milhões significam não é só dinheiro. É poder, é poder. Porque os Conselhos Consultivos distritais e também os Conselhos Consultivos dos Postos Administrativos e os Fóruns das localidades, passam a ter possibilidade de perseguir para onde é que vão os recursos. Passam a pensar como acabar a pobreza aqui neste território. A Pobreza neste caso é vista como aumentar a produção de comida e como também criar mais emprego. O Conselho Consultivo é decide quais são as associações que devem ter dinheiro para poder criar mais comida ou para poder criar mais emprego. Os sete milhões são o poder que se passa para o distrito. Faz parte daquilo que se chama descentralização. É por isso que depois dos sete milhões apareceram mais dois milhões para infra-estruturas e são decididos aqui no distrito. E também outros Ministérios começaram a entregar directamente o dinheiro nos distritos. Para construir salas de aulas a Educação entrega. Também a Saúde entrega. Também as Obras Públicas entregam. É poder para podermos combater a pobreza.

E no distrito não há razão para não sermos solidários uns para com os outros e entregarmos esse dinheiro aqueles que nós sabemos que sabem trabalhar, querem trabalhar, querem ajudar. Aqueles que depois de utilizar hão-de devolver o dinheiro para apoiar outros pobres para deixarem de ser pobres. Os sete milhões são poder, o poder que é dado aos distritos através dos seus governos, mas através dos Conselhos Consultivos. É uma maneira de lutar coma pobreza resolvendo aquelas duas questões que nós apresentamos aqui.

O último elemento que eu queria colocar é que o caminho, a estratégia do governo para combater a pobreza, é a Revolução Verde. A Revolução Verde é a maneira de aumentar a produção agrícola e aumentar a produtividade. Se nós temos um hectar e nós produzimos milho neste hectar, a Revolução Verde quando chega vai fazer com que este hectar produza mais milho do que produzia. E a maneira de fazer isto é muita, pode melhorar a semente, pode melhorar a maneira de revolver a terra, pode enriquecer o solo pondo estrume, por exemplo, e no fim a produção é maior. E esta produção vai permitir que o dono da machamba coma e reste para vender para os outros que não podem produzir na agricultura. E se conseguir lá em baixo da terra água, ou no

Limpopo arranjar água, pode regar de modo que aquele milho ser produzido todo o ano, ser produzido quando há chuva, e é produzido quando não chove e isso aumenta a produção e aumenta a produtividade.

Esta é a mensagem que eu gostaria de deixar convosco e termino a mensagem fazendo uma pergunta. Qual é a diferença que existe em Mabalane antes dos sete milhões e depois dos sete milhões? O que é que podemos dizer de bom que existe em Mabalane que dissemos isto aqui foi por causa dos sete milhões?

Mabalane hoye!

(Hoye!)

Mabalane hoye!

(Hoye!)

Eu queria... É um caminho longo e temos que estar todos juntos, abraçados uns aos outros. Temos que estar juntos para que não haja ninguém que no fim do dia, no fim do ano não tenha nada para comer. Por isso nós viemos aqui para aprender de modo a encontrarmos formas de todos nós, não só em Mabalane, mas todos nós do Rovuma ao Maputo, caminharmos juntos até enterrarmos a pobreza.

Por isso queremos os vossos conselhos, peço dez cidadãos. Pode ser criança, pode ser jovem, pode ser adulto, pode ser velho, pode ser homem, pode ser mulher. Dez cidadãos, que venham para aqui, diz o seu nome e depois diz aquilo que quer dizer para nos apoiar, para apoiar Mabalane para sair mais rapidamente da pobreza. Mas não repita aquilo que foi dito para podermos ouvir bons conselhos.

Mabalane hoye!

(Hoye!)

(...)²² para poder entregar a todos os cidadãos, aqueles que vão aumentar a produção da comida, aqueles que vão aumentar o emprego para os nossos jovens e ao mesmo tempo vão devolver.

Falavam de motobombas que vão utilizar para puxar a água, falavam aqui insistentemente do problema dos elefantes, elefantes que destroem a produção, elefantes que até chegam a matar pessoas.

Houve aqui um cidadão que apresentou problemas pessoais. Ele diz que foi expulso do Aparelho do Estado e ele considera que não foi feita a justiça. Ele diz que depois foi contratado na Agricultura e que ele mais seis pessoas não receberam o vencimento depois de acabar o contrato. Estes assuntos os meus conselheiros já tomaram notas disso para poderem encontrar a forma de compreender melhor que problema está lá e assim mesmo o que é que podemos fazer para encontrar a solução do problema.

Uma cidadã veio aqui falar das grandes realizações incluindo, sobretudo em Combomune e apelou para que em Combomune haja uma escola para alunos mais avançados. Esse é um bom espírito esse porque não há velhos não há novos, aprender é obrigação de toda a pessoa.

²² Inaudível

Falaram também sobre a necessidade da semente de arroz e a necessidade de ter um armazém para conservar os produtos; também de apoiarmos os idosos vulneráveis; e também falou-se da ponte sobre o rio. Eu estou a lembrar aquilo que foi dito aqui, não estou a dizer que concordo ou não concordo, mas pelo menos mostra que toda a gente está preocupada com o desenvolvimento e mostra de que temos pessoas que podem ainda mais rapidamente.

Falou-se do BEBEC em Mabalane depois de ter começado em Chiconela e o apoio que pedem ao governo central, o Ministro da Juventude e Desportos já falou disso. Falamos também da falta de represas e também falaram das dificuldades que existem em termos de... aconselharam-me que os meus acompanhantes visitem o terreno sempre. Eles vêm, Moçambique é grande, mas é bom que se saiba que gostam dos seus dirigentes, por isso continuarão a fazer esforços para irmos mais longe.

Combomune agradeceu o telefone fixo e quer que o telefone celular chegue lá, e também agradeceram o facto de os vistos terem sido afastados.

Falaram da necessidade do comboio aumentar as viagens e que haja vagões para transportar produtos tipo lenha, carvão e pedem mais água em Combomune. Também dizem que em Combomune só dois homens beneficiaram dos sete milhões por isso que não vêm a diferença.

Falaram de emprego que se dá às pessoas que vem com as empresas em vez de empregar os jovens de Mabalane. Falaram do mau relacionamento com o parque (...)